

PINTANDO O SETE: A ARTE COM BEBÊS

Geovanna Assis Silva¹
Laís Leni Oliveira Lima²

¹Universidade Federal de Jataí/ geovannaassis@discente.ufj.edu.br

²Universidade Federal de Jataí/ lais_lima@ufj.edu.br

Resumo:

O presente artigo é resultado do trabalho de pesquisa-ação desenvolvido no Estágio Curricular Obrigatório II - Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí, realizado no Berçário I no CMEI Cidália Vilela. A temática abordada foi “Arte na Educação Infantil: o trabalho sensorial com bebês”, emerge da importância em desenvolver os aspectos sensoriais e estéticos, considerando sua relevância no desenvolvimento humano. O projeto foi elaborado a partir do levantamento de demandas realizadas no Estágio Curricular Obrigatório I. Objetivamos com esse trabalho explicitar a prerrogativa de trabalhar com a Arte na Educação Infantil especificamente com os bebês de até 1 ano e 6 meses de idade, visto que essa fase da Educação Básica deve possibilitar o acesso da criança aos bens culturais acumulados pela humanidade, contribuindo para a sua formação cultural e social. No decorrer do trabalho, foi possível evidenciar a importância dos berçários como um espaço dedicado ao encontro de bebês e profissionais da educação, sendo esse crucial para a formação. Ademais, é notória a efetivação do ensino dos conhecimentos historicamente acumulados para bebês, acessando diversas dimensões do desenvolvimento humano, a partir da arte.

Palavras-chave: Arte com bebês. Berçário. Estágio Obrigatório.

Introdução

A escolha da temática “Arte na Educação Infantil: o trabalho sensorial com bebês” advém da imprescindível necessidade de desenvolver o âmbito sensorial e estético, compreendendo que esses são essenciais para a formação integral do indivíduo. A área do conhecimento e campos de conhecimentos de referência: Traços, sons, cores e formas e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Os campos de referências complementares foram “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; “O eu, o outro e o nós”; “Corpo gestos e movimentos”.

A partir das observações e acompanhamento de trabalho em campo no Estágio Curricular Obrigatório I - Educação Infantil, na instituição Cmei Cidália Vilela, foi evidenciado que esta possui um amplo espaço para investigação. Os quais podem ser espaços férteis para o desenvolvimento psíquico, sensorial e motor dos bebês, explorando texturas, sons e formas.

Nesse sentido, partimos da seguinte problematização: como a arte na Educação Infantil pode ser trabalhada em espaços diferentes, potencializando o desenvolvimento sensorial no Berçário I? Como podemos desenvolver diferentes habilidades sensoriais a partir da arte com bebês? A ampliação do repertório cultural por meio dos conhecimentos artísticos oportuniza às crianças, mediante as linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro), o acesso à riqueza humana, vivenciando e explorando a materialidade em toda a sua potencialidade. Propor uma variedade de materiais e a exploração com todos os sentidos contribui para desenvolver o processo psíquico e motor dos bebês?

O objetivo geral do projeto consistiu em: oportunizar aos bebês o desenvolvimento psíquico, sensorial e motor por meio da exploração de texturas, sons e formas, desenvolvendo a sensibilidade estética, a percepção, a imaginação e a capacidade criadora. Para alcançarmos o objetivo geral, elaboramos os específicos, quais foram: desenvolver a sensibilidade ao toque de texturas diversas; usar tinta guache nas mãos e nos pés, explorando a textura e a capacidade de percepção; desenvolver a habilidade de percepção de diversos sons; identificar texturas e formas diferentes a partir de objetos: macio, áspero, liso, rugoso, duro e mole; perceber e identificar cores em objetos, tintas e natureza; desenvolver a percepção por meio da manipulação de diferentes texturas; despertar a atenção para o volume de estruturas leves/pesadas, de encaixe e movimento. experimentar as possibilidades corporais por meio das brincadeiras e interações. Esses objetivos foram desenvolvidos durante as oito aulas campo, no decorrer de todo estágio.

Compreendemos que a arte pode ser percebida e vivida de diversas formas e perspectivas, sendo um importante elemento na vida do ser humano. A mesma se faz presente em inúmeras culturas em temporalidades distintas. Dessa forma, deve ser inserida na vida dos indivíduos desde seu nascimento, podendo atuar não apenas na construção de capital cultural, como também no desenvolvimento sensorial, motor e psíquico.

Elkonin (1987) citado por Marsiglia (2012) defende que a principal forma de comunicação de bebês de até 1 ano é a comunicação emocional direta, sendo balbucio, movimentos com olhos, braços, pernas, pés, mãos, expressões faciais, entre outros. Esses, segundo Martins (2015) fazem parte do complexo de animação, que são reações ao mundo externo, entendendo-o como animado e por meio disso se comunica, buscando manifestar

seus desejos.

É necessário considerar que a relação dos bebês com outras pessoas perpassa pela leitura feita do ambiente, que podem despertar reações como prazer, medo, alegria ou dor, sendo capaz de mudar a organização estrutural social. Assim, ao se comunicar com o bebê e lhe apresentar as diferentes linguagens, o bebê é inserido no mundo simbólico, expresso em gestos e expressões, como afirma Oliveira (1992) et. al. Compreendemos que o desenvolvimento de atividades artísticas proporciona aos bebês o apropriação de símbolos culturais e sociais. Conhecer e vivenciar as experiências do meio que o rodeia é de suma importância para o desenvolvimento de funções intersíquicas, como defende Vigotski (2006), citado por Marsiglia (2012). O que contribui para desenvolver funções psicológicas superiores como a memória, a atenção, a abstração e o pensamento.

Ademais, é imprescindível a construção da compreensão de que as instituições de educação infantil, são lócus privilegiados onde os bebês possuem a possibilidade de aprenderem conceitos historicamente e culturalmente construídos. Sendo assim, para Chaves (2015) intervenções pedagógicas que contemplem o trabalho com arte são capazes de potencializar o desenvolvimento linguístico e intelectual das crianças.

Apostando na possibilidade: fazendo arte com os bebês

O Berçário I reunia bebês na faixa etária de 6 meses a 1 ano e 6 meses. A turma que trouxe maior apreensão a nós estagiárias, uma vez que questionamos: o que fazer com os bebês tão pequenos que não falam, não andam?”. A primeira possibilidade foi estudar e entender que eles falavam com o balbucio, movimentos com olhos, braços, pernas, pés, mãos, expressões faciais e brincavam com uma linguagem muito singular. Isso nos fez compreender que em todo tempo e em todos os espaços da sala deveriam estar repletos de coloridos e sons; de objetos tátil de texturas diferentes; com variedades de riscadores (giz de cera, lápis de cor, caneta, canetinha, carvão, tijolo, gesso) para explorarem diferentes suportes.

Isso posto, elaboramos o projeto de ação/intervenção que teve como objetivo oferecer às crianças do Berçário I o desenvolvimento dos aspectos psíquicos, sensoriais e motores por meio da materialização da Arte na Educação Infantil. O processo de observação ocorrido neste período proporcionou o levantamento de situações que foram trabalhadas de forma

recorrente com os bebês, as quais oportunizaram a percepção de texturas com o toque das mãos e dos pés, estimulando as crianças para o conhecimento que comumente não está em seu cotidiano.

A produção/materialização do projeto de intervenção objetivou explicitar a importância de trabalhar com a Arte na Educação Infantil, visto que essa fase da Educação Básica deve possibilitar o acesso da criança aos bens culturais acumulados pela humanidade, contribuindo para a sua formação cultural e social. Além disso, a primeira infância precisa ser construída com alicerces sólidos tanto familiares quanto escolares.

Quando retornamos ao grupo (Estágio Curricular Obrigatório II - Educação Infantil) depois das observações, semi regências e planejamento do projeto de intervenção e planejamento das aulas, reencontramos uma turma composta por 16 bebês, entre 4 e 6 meses de idade. Uma turma tentando descobrir e se apropriar do mundo. As professoras titulares se desdobravam em atender as solicitações das crianças, que delas dependiam para se alimentar, higienizar, tomar banho e brincar. No entanto, nosso maior desafio era conciliar o programa instituído pela coordenação da instituição com o nosso projeto. Nesse momento, estavam comemorando a Páscoa e foi solicitado que déssemos prosseguimento a esse trabalho¹.

De acordo com Chaves (2015, p. 56)

O que se ensina às crianças, de forma explícita ou não, revela o conjunto de valores que predomina na sociedade. Para melhor expressar essa questão, citamos o exemplo de uma atividade recorrente junto às instituições educativas, por ocasião de uma “data comemorativa”. [...]. Essa prática ilustra como as vivências das crianças estão empobrecidas, bem ao gosto da sociedade capitalista nesses tempos em que a miséria se mostra cotidianamente.

Acreditamos que, apesar da orientação institucional, de realizar ações voltadas para datas comemorativas, em especial uma data cristã, houve possibilidades de desenvolver ações educativas com o intuito de promover o desenvolvimento dos bebês e crianças, nosso planejamento seguiu essa proposta.

¹ Em função dos limites deste texto, registramos uma aula desenvolvida, Porém, todas as aulas estão registradas no Relatório Final de Estágio Curricular Obrigatório II – Educação infantil (2023) arquivado no Laboratório de Estágio da UFJ.

Dessa forma, fez-se necessário termos em mente o papel do CMEI, mesmo em momentos em que somos direcionados a realizar atividades em que não possuem explicitamente funções educativas, lembrar o que Saviani (1991, p. 24) afirma:

[...] este fenômeno pode ser facilmente observado no dia-a-dia das escolas. Dou apenas um exemplo: o ano letivo começa na segunda quinzena de fevereiro e já em março temos a semana da revolução, em seguida a semana santa, depois a semana das mães, as festas juninas, a semana do soldado, do folclore, a semana da pátria, jogos da primavera, semana das crianças, semana do índio, semana da asa, etc., e nesse momento já estamos em novembro. O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola, encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. É preciso, pois, ficar claro que as atividades distintas das semanas, acima enumeradas, são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais são extracurriculares e só tem sentido na medida em que possam enriquecer as atividades curriculares, isto é, aquelas próprias da escola, não devendo em hipótese nenhuma prejudicá-las ou substituí-las.

Diante disso, procuramos enriquecer nossa proposta de trabalho, não prejudicando em virtude da data comemorativa, assim, o objetivo da nossa aula consistiu em oportunizar o desenvolvimento psíquico, sensorial e motor por meio da exploração de texturas, contribuindo para a sensibilidade estética.

Após a realização do acolhimento dos bebês, foi feita a alimentação que é considerada uma das atividades educativas necessárias para o desenvolvimento de diversas capacidades, como a motora. Vale ressaltar que “após os seis meses de idade, o desenvolvimento dos movimentos da mão é muito intenso nos bebês” (ARCE; MARTINS, 2021, p.169). Sendo assim, todas as atividades são integradas aos objetivos estabelecidos, até mesmo as estereotipadas pelo senso comum, como atividades relacionadas exclusivamente ao cuidado, destacamos que também pode ser pedagógico.

Posteriormente, reunimos todos os bebês no tatame onde disponibilizamos uma atividade sensorial e motora, em que os envolvidos deveriam preencher um coelho, produzido de papelão e fita crepe, com algodão. Durante a atividade as crianças ficaram empolgadas e curiosas com os materiais disponibilizados, visto que se tinha a textura do papelão e do

algodão, além disso tinha-se também a fita crepe para ajudar na colagem.

De acordo com a autora Stela Barbieri, “o acesso às várias linguagens artísticas na escola propicia a expressão singular de cada um, ao mesmo tempo em que exercita a participação coletiva” (2012, p. 28). Por meio dessa atividade observamos que os bebês desenvolveram a sensibilidade estética em conjunto, os quais compartilharam os materiais e construíram todo o trabalho proposto pelas estagiárias. Em seguida, deixamos os bebês brincarem com os materiais, sob nossa supervisão, podendo explorar textura, peso, forma e diferenciação dos materiais. Durante esse período, cantamos músicas relacionadas aos animais, explorando as sonoridades.

Foi proposto e elaborado um circuito com obstáculos como escada e rampa, os materiais foram proporcionados pela instituição, sendo adaptados para a idade dos mesmos. Foram postos ao fim do circuito representações de ovos de páscoa, produzidos por balões e papéis laminados, onde o objetivo era experienciar as situações proporcionadas pelos obstáculos, envolvendo subir e descer, serem guiados por estímulos sensoriais, como visuais e táteis. O circuito pôde proporcionar a interação de objetos com cores, formas e texturas diferentes, além de desenvolver equilíbrio e coordenação motora, como pode ser observado na figura 1. Ademais, atividades realizadas em grupo ajudam a aprimorar a noção de coletividade.



Figura 1: Circuito da Páscoa.

Após a realização do circuito, seguimos a programação de atividades planejadas para regência, que incluíam cantar a música “Coelhinho” na versão de Galinha pintadinha, e realizar gesticulação, como imitar o coelho, fazer os gestos de orelhas, inclusive em libras, para que os bebês pudessem associar as várias línguas e linguagens possíveis.

Em seguida, foi colocado um papel branco com o comprimento médio de um metro e meio, para que os bebês realizassem uma pintura coletiva, com tintas naturais, produzidas por nós estagiárias. Conseguimos produzir 3 tonalidades de tintas, roxa, laranja e amarela, suas bases foram amido de milho e pós naturais, como colorau. As texturas ficaram bastante diferentes das tintas guache, usualmente manuseadas pelos bebês. Essas tintas ficaram bastante consistentes, se assemelhando a um mingau, o que possibilitou o contato com novas texturas e o desenvolvimento sensorio motor, como pode ser observado na figura 2.



Figura 2: Pintando com tintas comestíveis.

Ao manusear as tintas, as cores se misturaram, havendo um destaque maior na cor roxa, ainda assim, a mistura dessas também produziu tonalidades novas. De modo geral os bebês foram receptivos a atividade, alguns possuem mais resistência às texturas, mas as cores auxiliaram na captação da atenção dos mesmos.

Ademais, a tinta era comestível, não havendo prejuízos à saúde dos pequenos, caso ingeridas. Boa parcela dos bebês, além de manusear as tintas, também degustaram a mesma, possibilitando não apenas a pintura, que foi desenvolvida ao pegarem e passarem as tintas nas

superfícies próximas, tingindo a folha que estava no chão, criando uma bela pintura coletiva. Como também a pigmentação de suas mãos e ingestão de um alimento com textura bastante diferente e colorido. Ao longo do estágio fizemos tentativas, buscando um ambiente que oferecesse aos bebês diferentes oportunidades de exploração, ampliando e enriquecendo suas experiências iniciais e escolhas.

Considerações finais

Como já mencionamos, as regências realizadas tiveram como base o projeto de pesquisa-ação/intervenção desenvolvido no componente obrigatório de Estágio II. Essas foram de suma importância para o nosso desenvolvimento profissional e acreditamos ter possibilitado experiências férteis, sendo elas planejadas e intencionalidades, que contribuíram para o desenvolvimento dos bebês.

Segundo Bracarense e Goulart (2006), “compreender as práticas da Educação Infantil com crianças do berçário implica revelar com a maior fidelidade possível a ‘voz da criança’ na manifestação de suas demandas nesse ambiente educativo” (p.45). Dessa forma, o trabalho realizado na turma do Berçário I exigiu maior atenção de nós estagiárias no decorrer das atividades propostas, pois nosso intuito foi proporcionar contribuições significativas ao desenvolvimento integral dos bebês.

Compreender as demandas que os bebês buscavam expressar foi crucial para que fosse possível a realização das atividades propostas, visto que os balbucios, choros, gestos, toques e olhares, muito diziam sobre suas necessidades e como os estímulos que nós como estagiárias estávamos proporcionando repercutiam em seus processos de desenvolvimento.

A atuação docente nessa etapa do desenvolvimento infantil é constantemente subestimada, sendo relacionada exclusivamente ao cuidado, o que além de prejudicar a atuação do profissional, causa uma grande desvalorização da carreira docente do mesmo. No senso comum, são bastante recorrentes os discursos assistencialistas vinculados aos CMEI, que são provenientes do amplo histórico político e social que desvaloriza essa etapa do desenvolvimento humano. Como afirma Pasqualini (2010), a especificidade da Educação Infantil ainda gira em torno de dois eixos: o binômio cuidar-educar e a perspectiva anti escolar.

Recorreremos às autoras Bracarense e Goulart (2006), para explicitar a importância dos berçários como um espaço dedicado ao encontro de bebês e profissionais da educação, sendo esse crucial para a formação do ser humano, em suas diversas complexidades, já que nestes se desenvolvem processos de interação com o outro e com o meio em que se insere.

É válido destacar a importância de pesquisas com enfoque nos Berçários já que, devido ao histórico social em que nos inserimos, nos deparamos com uma quantidade reduzida de relatos, experiências e pesquisas sobre esse período fundamental do desenvolvimento humano.

Diante do exposto, é possível identificar a necessidade de visibilizar as narrativas de atuação e desenvolvimento de pesquisas no âmbito da educação infantil, mais especificamente no trabalho nos berçários. Defendemos a valorização do trabalho docente com bebês e crianças bem pequenas pois compreendemos as complexidades dessa etapa do desenvolvimento e a necessidade de estudos e investimentos para que seja possível a efetivação dos objetivos propostos. Em suma, as funções psicológicas devem ser “cultivadas” na criança pelo educador e isso não significa submeter a criança a um treinamento mecânico, mas estar atentas para os sinais que nos são transmitidos por elas. Estar com os bebês nos levou a aceitar os desafios de conviver com suas especificidades, reafirmando a necessidade de saber escutar suas linguagens.

Referências

ARCE, Alessandra. É possível falar em pedagogia histórica crítica para pensarmos a educação infantil? **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 5-12, dez. 2013.

BRACARENSE, Marcela Regina Aguilar; GOULART, Maria Inês Mafra. A criança do berçário: é possível identificar suas demandas? **Presença Pedagógica**. v.12.n.72. nov./dez. 2006.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância**. São Paulo: Blucher, 2012

CHAVES, Marta. Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 56-60, jan.-abr. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1356>

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São

Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Lígia Márcia; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Contribuições para a sistematização da prática pedagógica na educação infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, Bauru, v. 6, n. 1, p. 15-26, mar. 2015.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. -(coleção Docência em Formação).

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575>